

## As várias faces da masculinidade na Nossa América

*The various faces of masculinity in Our America*

Henrique Restier da Costa Souza<sup>a</sup>

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

Lançado em 2018 pela Editora Papéis Selvagens, o livro *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América* surge em um momento que não poderia ser mais oportuno, no qual a emergência da temática sobre homens e masculinidades tem ganhado força tanto na academia quanto no espaço público. Originalmente publicado na França sob o título *Les couleurs de la masculinité: expériences intersectionnelles et pratiques de pouvoir em Amérique Latine*, a obra resultou de um prêmio internacional que a antropóloga colombiana Mara Viveros ganhou quando concorreu com vários outros trabalhos sobre a temática de gênero.

Sua tradução para o português encontra ambiente fértil. Colóquios, livros, dossiês, cursos e encontros em torno do assunto masculinidades tornam-se cada vez mais frequentes no Brasil. O interesse sobre o “tornar-se homem” e suas implicações para homens e mulheres têm produzido inúmeros estudos nos últimos anos com repercussões políticas complexas.

Com efeito, esse é um campo permeado de tensões econômicas, sociais e ideológicas e, para a autora, isso é muito evidente. Por se considerar uma mulher negra feminista, algumas dessas tensões aparecem na deslegitimação de seu trabalho sobre homens e masculinidades e nas inversões das relações de poder ao investigar homens como seres “generificados”. Talvez por isso a antropóloga tenha o rigor científico e a “generosidade crítica” como marcas relevantes em seu trabalho. Vigoya se filia teórica e politicamente ao feminismo negro (*Black Feminism*) e ao “feminismo de cor” (VIGOYA, 2018, p. 19), utilizando a perspectiva “de um conhecimento situado, construído a partir da valorização política de uma posição marginal para se compreender a dominação” (VIGOYA, 2018, p. 19). Como instrumento conceitual manuseia a interseccionalidade para adentrar as dinâmicas de poder e dominação de gênero, não de uma forma cumulativa de opressões,

---

a Doutorando em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ).

mas usando-a para esquadrihar as contradições e complexidades de se estar no mundo, portando vetores simbólicos distintos, localizados e agenciados em um determinado contexto.

Segundo a antropóloga, as teóricas do feminismo negro procuraram interagir com os homens de seus grupos sociais vendo-os mais como parceiros em potencial nas lutas antissexistas e antirracistas do que como inimigos. Obviamente, isso não implicou em ignorar as especificidades das práticas e efeitos do sexismo e do racismo para mulheres e homens negros, pelo contrário, isso possibilitou que essas mulheres formassem formas eficazes de se embrenhar nesse “mundo masculino” sem maniqueísmos e denunciamentos rancorosos.

O livro tem como proposta central refletir sobre as experiências da masculinidade utilizando a perspectiva interseccional, respaldado na preocupação em fazer uma análise crítica das estruturas e mecanismos de dominação, dos níveis macro ao micro, dos grupos dominantes e marginalizados, ancorando-se em proposições de mudanças políticas na busca pela justiça social.

A primeira parte do livro, “Teorias feministas e masculinidades”, ressalta o teor relacional do conceito de gênero destacando o aspecto histórico, cultural e social da masculinidade. Ao apresentar a emergência do campo das masculinidades, no capítulo um, “Para além do binarismo: teorias feministas, homens e masculinidades”, a autora faz um profundo diálogo com os estudos feministas e de gênero. Desenvolve ainda algumas diferenciações internas ao feminismo, como o eco-feminismo, os feminismos culturais norte-americanos, o feminismo materialista francês e o próprio feminismo negro já supracitado. Além disso, faz uma crítica sobre as limitações de certas análises feministas, muitas vezes considerando-as a-históricas, insensíveis às discriminações raciais, indiferentes à diversidade de formas de ser mulher e homem, e reprodutora de um imaginário colonial sobre o chamado “Terceiro Mundo”. Vigoya oferece também uma distinção entre os estudos de masculinidades que se apresentam como aliados do feminismo e aqueles que sustentam independência analítica. A pesquisadora se dedica especialmente aos primeiros; quanto aos últimos, apresenta algumas obras e tece breves comentários, de maneira geral, depreciativos, chamando-os de conservadores e “masculinistas”. O único trabalho que analisa com um pouco mais de atenção é a obra *A dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu, classificada quase como um “masculinismo teórico” (VIGOYA, 2018, p. 47). Aliás, o livro do sociólogo francês é extensamente criticado pela literatura feminista de modo geral. De qualquer forma, teria sido interessante que a antropóloga tivesse investigado com maior profundidade quais conceitos, categorias e arcabouços teórico-metodológicos que esses trabalhos, tidos como masculinistas,

teriam a oferecer para os estudos de homens e masculinidades. Assim, ao assinalar as contribuições, limitações e divergências com as análises feministas, seria possível termos uma maior ideia do debate e disputas dentro desse campo.

Ainda no primeiro capítulo, Vigoya embaralha as noções de masculinidades ao mostrar-nos pontos de vista que questionam o binarismo sexual, calcando-se na “terceira onda feminista”, no movimento “trans”, no pós-estruturalismo de Judith Butler e em “subculturas lésbicas como as *drag kings*, das *butches*, das caminhoneiras, das *garçonnes* francesas dos anos vinte e das lésbicas *leather*” (VIGOYA, 2018, p. 54). Para a autora, os estudos sobre homens e masculinidades deveriam incorporar a agenda política, teórica e ética do feminismo contemporâneo com seus questionamentos sobre performances masculinas e femininas e suas dinâmicas de poder.

No segundo capítulo, “Trinta anos de estudos sobre homens e masculinidades na Nossa América”, a antropóloga realiza uma ampla e valiosa revisão da literatura sobre as masculinidades, principalmente no que ela chama de Nossa América, e não América Latina (assumindo uma postura de reapropriação da identidade Latina, ao rejeitar uma nomenclatura oriunda dos pólos tradicionais de irradiação de saber e poder), apontando os temas, propostas, problemáticas e lacunas desse campo. Ao abordar os últimos quinze anos dessa produção teórica baseando-se “na análise de artigos acadêmicos e dos anais dos cinco *Colóquios internacionais sobre homens e masculinidades* realizados em diferentes países da região” (VIGOYA, 2018, p. 66), segundo seu levantamento, o Brasil e o México despontam com a maior parte das publicações. Ademais, a análise dessa produção mostra um equilíbrio entre homens e mulheres pesquisadores, girando por volta de 41% para os primeiros, 40% para as segundas e 19% para grupos mistos. Além de um aumento vertiginoso no número de trabalhos, correspondendo ao número de 499, sendo que desses 45% foram produzidos entre os anos de 2010 e 2016 (VIGOYA, 2018, p. 67).

No tocante aos temas abordados, estes ilustram os interesses e preocupações do campo na Nossa América, que a antropóloga organizou em sete eixos principais, seguindo o maior volume percentual: 1) *identidades masculinas* com 30%; 2) *masculinidades e violências* compondo 18%; 3) *problemas, dilemas e tensões em torno da saúde dos homens* reunindo 16% dos trabalhos; 4) *afetos e sexualidades* com 14%; 5) *reflexões epistemológicas* também com 14%; 6) *representações e produções culturais das masculinidades* com 6%; e 7) *espaços de homosociabilidade masculina* representando 2% dos trabalhos. A partir desse quadro, a autora desenvolve de forma concisa cada tópico, porém o mais interessante, para nós,

talvez seja refletir sobre quais seriam as especificidades da produção brasileira e como ela dialogaria com esse panorama mais amplo. E mais, em 2017 ocorreu no Brasil (Recife) o VI *Colóquio internacional sobre homens e masculinidades*, com o tema “Masculinidades frente às dinâmicas de poder/resistência contemporâneas: pressupostos éticos, ideológicos e políticos das diversas vozes, práticas e intervenções no trabalho com homens e masculinidades”, abrindo-se possibilidades de pesquisas importantes sobre os trabalhos apresentados.

Na segunda parte do livro, Vigoya inicia com o terceiro capítulo “Corpos negros masculinos: mais além ou mais aquém da pele”, ao investigar os estereótipos, fetiches e fantasias sobre os corpos negros masculinos colombianos, vistos como “seres dionisíacos” (VIGOYA, 2018, p. 31), ligados ao prazer, à arte e ao lúdico. Emprega para esse debate o discurso dos próprios homens negros, com jovens de Quibdó, capital do departamento de Chocó, e de dois grupos musicais, Chocquibtown e Herencia de Timbiquí, perscrutando os manuseios e apropriações desses imaginários. Que, se por um lado provocariam certo “aprisionamento simbólico” de seus corpos, *racializando e colonizando* suas constituições masculinas, por outro, esses mesmos homens produziram ressignificações dos imaginários que lhe são atribuídos, construindo estratégias discursivas e práticas para *positivá-las* dentro de contextos de correlações de forças, geralmente desiguais. Esse tipo de negociação atravessa de diferentes maneiras as trajetórias de homens negros. Aqui, o campo da sexualidade heterossexual ganha relevo, o jogo entre potência sexual, afirmação identitária negra, estereótipo e arte (mais especificamente a música) é um dos pontos altos do livro.

No quarto capítulo, “Os benefícios da masculinidade branca: entre raça, classe, gênero e nação”, a autora realiza uma análise histórica da branquitude, destacando a produção brasileira e na Nossa América sobre os desdobramentos dos sentidos contemporâneos de raça e sexo, e ressaltando os “fundamentos gendrados [generalizados] e racializados do poder, da autoridade e da legitimidade” (VIGOYA, 2018, p. 32). Usa como exemplo para ilustrar esse processo o ex-presidente colombiano Álvaro Uribe Vélez, como uma figura representativa em que a branquitude e masculinidade formariam “fontes de legitimidade política e de popularidade” (VIGOYA, 2018, p. 32). Argumenta que a masculinidade branca estaria fortemente associada à ordem, autoridade, progresso, modernidade e à identidade nacional (VIGOYA, 2018, p. 140). Nesse sentido, Uribe representaria, tanto na sua figura como no seu discurso, esses valores, facilitando sua chegada ao governo colombiano em um contexto de extrema violência e desordem, onde a população estaria supostamente à mercê do caos social. Em outras palavras, a autora reafirma a importância de se estudar os signos da masculinidade nos espaços de poder.

No capítulo cinco, “As masculinidades no *continuum* da violência na Nossa América”, a autora investiga as dinâmicas da violência estrutural no continente americano, marcadas então pelo colonialismo e pelas violências íntimas e cotidianas que atingem mulheres e homens de formas distintas. Três pontos em sua argumentação podem ser destacados. O primeiro se relaciona com a mestiçagem do período colonial e as agressões sexuais sofridas pelas mulheres negras e indígenas, com suas ressonâncias tanto no período republicano quanto nos conflitos armados mais recentes que permearam a Colômbia. Outro ponto é o machismo que, segundo a autora, muitas vezes é utilizado com um viés etnocêntrico e racista com o intuito de estigmatizar os homens latino-americanos e não-brancos em geral, observando o processo conflitivo entre as masculinidades hegemônicas e subordinadas. E em terceiro lugar, as mudanças socioeconômicas que o neoliberalismo introduziu na região, ao desestruturar determinados papéis de gênero como de “provedores de recursos e chefes de família” (VIGOYA, 2018, p. 172) para os homens, ao mesmo tempo que aumentaram as responsabilidades das mulheres que “deveriam” entrar em um mercado de trabalho, de muitas maneiras precário, além de ocuparem-se do lar.

Decerto essa é uma obra fundamental para o campo das relações de gênero e interessados em geral, mas especialmente por atentar à categoria social “raça”. Com uma escrita acessível, a autora traz uma vasta literatura sobre masculinidades por meio de autores e perspectivas do chamado Sul global, em um profundo diálogo crítico com as epistemologias europeias e americanas. Um de seus maiores trunfos está em focar as especificidades das sociedades colonizadas, propondo a descolonização de sua leitura e modelos de interpretação, o que traria um intenso teor político para essas pesquisas.

Aponto aqui a relevância da leitura do livro por pesquisadores brasileiros a fim de que possamos desenvolver cada vez mais um arcabouço teórico e metodológico dos estudos de Gênero e Raça a partir de nossas especificidades, porém não apartados das principais contribuições dos estudos sobre homens e masculinidades da Nossa América, como bem nomeia Mara Viveros Vigoya, bem como dos estudos norte-americanos e europeus. De fato, tal como colocado pelas teóricas do feminismo negro, a aliança entre homens e mulheres negras tem a potencialidade de gerar empatia, conhecimento e transformação ao contribuir para um campo em emergência em nosso país: as masculinidades de homens negros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.